**Dr. David Turner, Matthew
Aula 5B – Mateus 11-12: A rejeição de Jesus e a calúnia do Espírito**

Saudações a todos. Aqui é David Turner novamente. Esta é a Aula 5B, Mateus 11 e 12, Jesus Rejeitado e o Espírito Caluniado.

Já demos uma boa mordida em um pedaço considerável para esta única palestra aqui em Mateus 11 e 12, e espero que consigamos mastigá-lo adequadamente. Vou deixar você ler a primeira seção da análise material de Mateus 11:1 a 12:50 na página 25 dos materiais suplementares. Veja você mesmo.

E começaremos com a questão de João Batista em Mateus 11:1 a 6. É interessante que Mateus 11:1 mencione apenas que Jesus instruiu os discípulos ao iniciar seu próprio ministério. Mateus não menciona nem que Jesus enviou os discípulos nem que eles retornaram para segui-Lo, embora estejam com Ele novamente em Mateus 12:1 e seguintes. Evidentemente, Mateus não narra a missão dos discípulos ou seu retorno a Jesus, pois seu propósito literário está centrado em Jesus e nos ensinamentos de Jesus para os discípulos e para a igreja, que é construída sobre os discípulos.

A pergunta de João em 11:2 e 3 é essencialmente sobre que tipo de Messias Jesus é. Concentra-se nas obras de Jesus, que Mateus destaca desde 423. Mateus mostrou que a resposta a essas obras tem sido mista, com aclamação popular em 4:25, 7:28, 8:1 e 18:9, 8 e 33.

A aclamação popular se equilibrou com a crescente oposição dos líderes judeus, 5:20, 7:29, 9:3, 11 e 34. Portanto, a pergunta de João sobre se Jesus é o Messias vindouro é crucial para o leitor de Mateus. Embora as dúvidas de João sejam frequentemente minimizadas, elas devem ser levadas em conta com toda a força.

Embora João tivesse amplos motivos para crer em Jesus 3:13 a 17, sua prisão por 12 anos e o aparente atraso na vinda do reino inevitavelmente afetariam sua confiança. A resposta de Jesus a João serve para reorientá-lo para o cumprimento das promessas de salvação do Antigo Testamento, não para as promessas de julgamento. Não apenas João, mas todos aqueles que se concentram nas obras messiânicas de Jesus serão abençoados porque não perderão a fé.

11:6. As dúvidas de João e a maneira como Jesus lida com elas são exemplares para todos os discípulos de Jesus. Davies e Allison apontam em seu comentário que Mateus 11:1 a 6 interpreta todo o texto de Mateus 4 a 10. Jesus é de fato aquele que João anunciou que viria.

As palavras e obras de Jesus aplicam a lei salvadora de Deus ao pecado e ao sofrimento humano, cumprindo as profecias de Isaías. Mas se até mesmo alguém tão importante quanto João duvidava disso, o que dizer dos outros seguidores de Jesus, tanto antigos quanto modernos? Eles também devem se concentrar nas palavras e obras messiânicas de Jesus, pois a oposição só se agravará à medida que a narrativa de Mateus se desenrola. Se os seguidores de Jesus se concentrarem na demora no julgamento divino do pecado, dúvidas surgirão.

Mas o foco deles deve estar na presença da salvação, não na ausência de julgamento. Compare as palavras de Pedro em 2 Pedro 3:8 e 9 e no versículo 15. Agora, passamos para a seção Mateus 11, versículos 7 a 19, onde Jesus fala da grandeza de João Batista.

Apesar das dúvidas de João em 11 a 6, ele não deve ser visto como uma pessoa fraca e vacilante. Obviamente, ao contrário, nenhum ser humano maior jamais existiu, e não poderia haver profeta maior do que aquele mencionado em Malaquias 3:1, que prepararia o caminho para o Messias. João também viveu em uma época grandiosa, no momento crucial do fim da era profética.

Mas ele foi martirizado pouco antes da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus, que inaugurou a nova aliança. Compare com 26:28. O ministério de João anunciou o avanço vigoroso do reino, mas ele se tornou vítima dos violentos que o atacavam.

Seu papel era semelhante ao de Elias. Compare 11:11 a 15. Nem João nem Jesus, cujos estilos de vida eram totalmente opostos, eram aceitáveis para seus contemporâneos perversos, 11:16 a 19.

Hagner coloca desta forma: João é santo demais. Jesus não é santo o suficiente.

Mas, em última análise, Jesus, talvez personificado como sabedoria, será justificado por seus atos, 11:19. Mateus 11:7 a 19 prepara o cenário para a calúnia flagrante contra Jesus em Mateus capítulo 12. Bem, chega para a análise de 11:7 a 19.

E quanto à questão teológica aqui de João e Elias? As palavras solenes de Jesus, que qualquer pessoa com ouvidos para ouvir deve ouvir e compreender, sublinham a importância de compreender sua identificação de João Batista com Elias em 11:14 e 15. Essas palavras têm sido motivo de muita discussão. Uma primeira leitura de Malaquias 4, versículos 5 e 6, parece indicar que ocorrerá um futuro retorno do profeta Elias à Terra para anunciar o Dia do Senhor.

O texto de Malaquias 4:5 e 6 foi tomado ao pé da letra, como pode ser visto em João 1:21 e Mateus 16:14, 17:10, 27:47, 49. O próprio Jesus parece afirmar um papel futuro para Elias em Mateus 17:11 . E alguns acreditam que Mateus, desculpem-me, que Malaquias 4:5 e 6 ainda será cumprido literalmente.

Mas em que sentido, se João é considerado Elias? Em outras passagens, João, por um lado, nega ser Elias (João 1:21), mas, por outro, é dito que ele ministra no espírito e poder de Elias (Lucas 1:17), o que pode lembrar o leitor da maneira como Eliseu sucedeu Elias em 2 Reis 2:9 a 15. João não era Elias renascido, mas desempenhou um papel semelhante ao de Elias. Infelizmente, seus contemporâneos, em sua maioria, não estavam dispostos a aceitar isso.

11:14, compare com 21:32. Se ainda haverá um retorno literal de Elias para cumprir Malaquias 4, versículos 5 e 6, deve ser deixado em aberto, e agora devemos nos apressar para João 11, versículos 20 a 24, e fazer alguns comentários sobre os solenes infortúnios que Jesus pronuncia sobre as cidades que receberam seu ministério. Ou, melhor dizendo, que não receberam seu ministério.

As repreensões de 11:20 a 24 são as palavras mais severas de Jesus até este ponto em Mateus, mas serão agravadas no capítulo 23, versículo 13 em diante. Se houver alguma dúvida por parte do leitor sobre como o ministério de Jesus estava sendo recebido, ela será esclarecida aqui. Embora Mateus tenha enfatizado como as multidões seguiam Jesus devido aos seus milagres de cura, aqui ele mostra que a maioria dessas multidões não compreendia o propósito dos milagres, isto é, a autoridade de Jesus na Terra para perdoar pecados, 9:6. Muitos haviam experimentado pessoalmente as bênçãos dos milagres e, evidentemente, muitos mais haviam observado os milagres acontecendo.

Mas, infelizmente, relativamente poucos compreenderam a importância dos milagres como autenticadores da mensagem de arrependimento do reino. Algo semelhante à situação no Evangelho de João, capítulo 6, versículos 14 e 15, e compare com 6:26 e 27. As bênçãos escatológicas do reino foram recebidas com entusiasmo, mas o imperativo ético do arrependimento foi rejeitado.

Os infortúnios de Jesus contra Corazim, Betsaida e Cafarnaum pressupõem um princípio importante do julgamento divino, o princípio da responsabilidade proporcional, que resulta em graus de recompensa e punição. Compare Lucas 27, desculpe-me, com Lucas 12, versículos 47 e 48. Tiro e Sidom, juntamente com Sodoma, eram cidades ímpias que haviam rejeitado a revelação de Deus.

Mas a revelação que receberam não foi tão clara ou sustentada quanto a revelação de Jesus a Corazim, Betsaida e, especialmente, Cafarnaum, a cidade adotiva de Jesus, Mateus 4:13 e 9:1. Assim, o julgamento de Tiro, Sidom e até mesmo Sodoma seria mais tolerável do que o de Corazim, Betsaida e Cafarnaum. Essas três cidades também servem de advertência a todos aqueles, hoje, cuja familiaridade com o cristianismo parece ter gerado desprezo. Ter nascido em uma família cristã, ser membro de uma igreja onde o evangelho é fielmente proclamado ou mesmo ser cidadão de um país onde o cristianismo é proeminente são bênçãos especiais de Deus, mas nenhuma delas substitui o arrependimento pessoal.

Uma coisa é conhecer o evangelho por meio do ambiente em que se vive. Outra coisa completamente diferente é reconhecer pessoalmente a própria necessidade do evangelho. Judas Iscariotes é outro triste testemunho do fato de que aqueles que estão mais próximos dos meios da graça às vezes são os mais distantes de seu fim.

O comentário de Bruner faz algumas observações pontuais, embora totalmente apropriadas, sobre como esta passagem deve impactar aqueles de nós que se tornaram indiferentes às bênçãos e advertências do evangelho. Agora, passamos para as últimas palavras do capítulo 11:11, versículos 25 a 30, palavras que certamente já nos são muito familiares. Nesta passagem, Jesus responde de duas maneiras à crescente oposição.

Primeiro, ele encontra conforto e força na soberania de Deus como Pai em 11:25 a 27. Segundo, ele continua a convidar as pessoas a segui-lo em 11:25 a 30. É impressionante que ambas as respostas sigam o anúncio da condenação das cidades que rejeitaram a mensagem do reino de Jesus.

Não encontramos resposta melhor à oposição do que a de Jesus. Quando as pessoas rejeitam o evangelho de Cristo, só nos resta descansar na soberania de Deus e continuar a oferecer Sua graça. As pessoas chegam à fé em Cristo por dois motivos.

Em última análise, por causa do propósito e da eleição de Deus, e imediatamente porque ouviram o evangelho. Podemos continuar hoje a descansar na soberania de Deus e na suficiência do evangelho para levar as pessoas à fé. Com o final de Mateus 11, chegamos ao fim dos três primeiros conjuntos de duas passagens sobre a incredulidade, 11:2 a 19 e 11:20 a 24, seguidos por uma passagem sobre a fé, 11:25 a 30.

A oposição ao Messias e seus mensageiros tem sido cada vez mais mencionada à medida que a história de Mateus avança. Basta relembrar e você se lembrará de muitas passagens em que a oposição tem sido cada vez mais mencionada. Mas, à medida que Mateus 11 se desenrola, a situação se torna inconfundivelmente sombria.

O precursor do Messias está na prisão, e até ele começa a ter dúvidas sobre o ministério de Jesus, Mateus 11:1 a 3. Jesus aponta sinais inconfundíveis da presença do reino em palavras, palavras e obras, 11:4 a 6, e exalta a grandeza insuperável de João. No entanto, o reino está sendo violentamente atacado por pessoas que arrogante e obstinadamente recusam sua autoridade, 11:12, 16 a 24. Não obstante, o Pai foi revelado pelo Filho a certas pessoas com características infantis, cujo cansaço as compeliu a encontrar o descanso que Jesus oferece no discipulado do reino, 11:25 a 30.

Aqueles que são sábios aos seus próprios olhos rejeitam cada vez mais essa mensagem humilhante à medida que a narrativa de Mateus se desenrola. O segundo e o terceiro conjuntos de passagens sobre descrença e crença deixarão claro que essa divisão é muito forte. Agora, quanto à teologia implícita em Mateus 11:25 a 30, a relação única entre o Pai e o Filho e a redenção do povo de Deus foi descrita com clareza incomparável aqui em Mateus 11:25 a 27.

Mateus preparou o leitor para esta declaração quintessencial por meio de declarações anteriores sobre o Filho . Emanuel, o Filho milagrosamente nascido de Maria, simboliza a presença salvadora única de Deus com o Seu povo, Mateus 1:23. A narrativa de Mateus sobre o batismo de Jesus menciona o prazer que o Pai sente no Filho em palavras que ecoam Isaías 42:1 e Mateus 3:17.

Satanás é incapaz de abalar o Filho de sua decisão de não testar o Pai em Mateus 4:1 a 11. Jesus realiza milagres para mostrar que o Pai concedeu ao Filho do Homem autoridade para perdoar pecados na Terra em Mateus 9:6. Em tempos de perseguição, os discípulos devem confessar o Filho se desejam que Ele os confesse ao Pai, Mateus 10:32 e 33. Comentários adicionais sobre a grandeza do Filho ocorrerão, culminando com a Grande Comissão sendo baseada na autoridade única do Filho em Mateus 28:18 a 20.

Mas seria difícil falar do Filho em termos mais exaltados do que aqueles usados aqui em 11:27, que afirmam de forma direta, porém elegante, que o conhecimento salvador de Deus Pai vem somente por meio da revelação eletiva de Jesus, o mediador exclusivo da salvação. O leitor de Mateus 11:25 a 30 pode se surpreender com a forma como a soberania de Deus em 11:25 se une ao apelo à decisão humana em 11:28 a 30. A história da Igreja tem testemunhado frequentemente polarização nessas duas áreas de sua doutrina, com alguns enfatizando a soberania de Deus e outros a responsabilidade humana.

Mas, como os textos bíblicos frequentemente abordam esses assuntos lado a lado, parece tolice tentar separá-los. É somente pela graça soberana de Deus que os pecadores se arrependem e creem em Jesus, e essa graça soberana opera somente por meio da mensagem do Evangelho de Jesus. A Igreja precisa se apoiar na soberania de Deus se quiser ganhar força para seu trabalho de convidar pessoas em todo o mundo a crer em Jesus.

Também é importante notar como Jesus fala do discipulado aqui. A menção de um jugo está em consonância com as metáforas judaicas do discipulado, mas em que sentido o jugo de Jesus era suave em comparação com o seu fardo leve? Isso é verdade porque Jesus não endossou as tradições orais dos fariseus, que ameaçavam obscurecer os assuntos mais importantes da lei, 15:3, seguintes, e 23:16-24. O jugo de Jesus, no entanto, não deve ser visto como menos rigoroso do que o dos fariseus, visto que ele afirmou que a justiça que exigia superava a deles em 5:20. O jugo do discipulado de Jesus é leve comparado ao dos fariseus, mas ainda é um jugo. Jesus é o único revelador do Pai, e ele, não os fariseus, é o mestre definitivo da Torá em 5:17-48 . Ele é gentil e humilde, enquanto eles são orgulhosos e ostentosos, 6 :1-18, 23:1-12. Suas tradições obscurecem e até transgridem as obrigações exigidas pela Torá, 15:3 e 6. Mas Jesus chega ao cerne da Torá enfatizando seus assuntos mais importantes.

Paradoxalmente, seu foco em questões mais importantes se presta a um jugo mais leve. Compare 1 João 5:3. Agora, passamos para o capítulo 12, versículos 1-8, e a controvérsia sobre o sábado. Esta passagem descreve a controvérsia que ocorre quando os fariseus se opõem aos discípulos de Jesus, inocentemente colhendo e comendo grãos enquanto caminham por um campo, em 12:1-2. Observe o capítulo 12.7, bem como o contexto no livro de Deuteronômio 23:25. A resposta de Jesus a essa objeção refere-se ao Rei Davi, ao templo e ao sábado, com a consequência de que ele é maior do que cada um deles.

O argumento das atividades de Davi em 12:3 e 4 já seria problemático o suficiente para os fariseus, mas as afirmações claras de que Jesus é maior que o templo e Senhor do Sábado seriam vistas por eles como ultrajantes, até mesmo blasfemas. Outra chave para as diferenças entre Jesus e os fariseus são suas maneiras contrastantes de interpretar o Antigo Testamento. Os fariseus começam com a instituição do Sábado e a consideram de suma importância.

Ela se sobrepõe às preocupações humanitárias por trás da legislação de Deuteronômio 23:25, que permite colher e comer grãos enquanto se caminha pelo campo. Jesus, por outro lado, começa com a preocupação de Deus com o Seu povo, que se sobrepõe à instituição do sábado em certas ocasiões. O sábado foi feito para beneficiar as pessoas, não as pessoas para beneficiar o sábado.

Marcos 2:27. Como Senhor do Sábado, Jesus oferece a interpretação definitiva e autorizada do seu papel na vida do povo de Deus. Jesus proporcionou aos seus discípulos descanso, um jugo suave e um fardo leve. Sua abordagem ao Sábado é um exemplo claro de como Sua promessa se cumpre.

Agora, em 12:9-14, queremos discutir brevemente outra controvérsia, desta vez sobre uma cura na sinagoga no sábado. Esta passagem reforça o impasse básico entre Jesus e os fariseus, evidente em 12:1-8. Eles discordam sobre a relação da lei do sábado com atos de compaixão. Os fariseus evidentemente interpretam a lei do sábado de forma estrita e não fazem exceções para casos de compaixão como os envolvidos nas curas de Jesus.

Mas Jesus aponta uma inconsistência na abordagem dos fariseus. Eles não se importam com o resgate de uma ovelha de uma cisterna no sábado, mas O condenam por curar uma pessoa, que é muito mais valiosa para Deus do que uma ovelha. Teoricamente, eles poderiam ter respondido a Jesus que a cura da mão do homem não era uma questão de vida ou morte.

E poderia ter esperado até o dia seguinte. Mas a narrativa de Mateus termina com esta réplica de Jesus. Evidentemente, Jesus acreditava que a Torá escrita não havia sido violada por esta cura.

A disputa legal é uma coisa, mas leva os fariseus a tomar medidas para encerrar a disputa eliminando Jesus. À primeira vista, esta parece ser uma solução um tanto draconiana para uma disputa religiosa. Talvez os fariseus estivessem simplesmente planejando impor Êxodo 31:14, mas provavelmente havia motivos mais vis em jogo.

Evidentemente, Jesus é percebido como uma ameaça ao status quo, portanto, a inveja também pode estar envolvida, visto que um aumento na popularidade e influência de Jesus inevitavelmente significaria uma diminuição na dos fariseus. Agora, passamos para Mateus 12, versículos 15 a 21. Mateus 11 e 12 compõem um bloco de material narrativo que enfatiza a crescente oposição a Jesus no reino.

A estrutura tríplice de Mateus neste bloco narrativo já foi discutida anteriormente. Essa estrutura envolve três conjuntos de passagens, cada uma contendo duas passagens que enfatizam a descrença, seguidas por uma passagem que enfatiza a crença. Isso está no seu esboço na página 25.

Com Mateus 12:21, chegamos ao fim do segundo desses três conjuntos, com 12:1-8 e 9:14 enfatizando a incredulidade e 12:15-21 enfatizando a crença. A citação de Isaías 42:1-4 e Mateus 12:15 e seguintes serve a três propósitos. Explica por que Jesus se retirou do conflito com os fariseus e por que ele instou as pessoas que ele havia curado a não revelarem quem ele era.

Como servo do Senhor, capacitado pelo espírito, o ministério de Jesus não seria caracterizado por conflitos e por palavras em voz alta para incitar as massas. Em vez disso, ele se mostraria uma pessoa gentil e misericordiosa em seu ministério aos fracos. Compare Mateus 5:5-7 e 11:29.

Em segundo lugar, Isaías 42:1 e 42:4 indicam que o servo teria um ministério para os gentios. Embora Jesus seja cada vez mais rejeitado por muitos dos filhos do reino (compare com 8:12), Mateus gradualmente vem deixando claro que certos gentios são receptivos ao reino. Observe muitas passagens onde isso é insinuado na narrativa.

E que os seguidores de Jesus devem ampliar seus horizontes para um ministério mundial a todas as nações. Compare 22:9, 24:14, 25:32 e 28:18-20. Terceiro, Isaías 42:1 enfatiza que o ministério do servo será fortalecido pelo Espírito .

Isso estabelece o pano de fundo para a resposta de Jesus à calúnia de que seus poderes de exorcismo eram demoníacos. Assim, a acusação dos fariseus em 12:24 é considerada antibíblica e equivale a uma calúnia imperdoável do espírito de Deus. 12:31 e 32.

É paradoxal que o poder de Jesus no reino se encontre no serviço que nasce da humildade e da compaixão. Compare com 11:29. O Messias usa seu poder não para obter controle sobre as pessoas, mas para servi-las.

Jesus não tenta expandir o reino por meio de disputas egoístas envolvendo retórica inflamada. Seu ministério acabará por trazer a justiça à vitória. 12:20.

Mas até mesmo João Batista tinha dúvidas sobre a maneira como isso estava sendo realizado. Certamente, os cristãos de hoje têm muito a aprender com seu Senhor sobre esse assunto. Seu curso de vida também deve ser o de serviço sacrificial.

Compare 16:21-25 e 20:25-28. E agora passamos para uma das passagens mais difíceis de Mateus, a chamada passagem sobre o pecado imperdoável, que descrevemos aqui como Jesus e o príncipe dos demônios em 12:22-37. A título de exposição, a oposição farisaica a Jesus atinge o ápice nesta seção.

A cura de um homem cego, mudo e possesso de demônio resulta em reações antitéticas. A multidão, por um lado, questiona se Jesus é o Messias. Os fariseus, por outro, talvez em resposta tanto ao milagre quanto à receptividade da multidão a Jesus, caluniam Jesus e, mais importante, o Espírito, acusando-o de colaborar com o príncipe dos demônios.

12:22-24. A resposta de Jesus abrange o restante da passagem, 12:25-37. Nela, ele argumenta convincentemente contra a visão dos fariseus sobre seu ministério e afirma que seu ministério deve ser entendido como nada menos do que a chegada do reino pelo poder do Espírito de Deus, 12:25-28.

Em seguida, ele compara o avanço do reino para o domínio de Satanás à prisão de um homem forte e ao saque de sua casa, e adverte seus seguidores de que a neutralidade é impossível quando se trata da obra do reino, 12:29-30. A calúnia dos fariseus equivale a um pecado imperdoável e uma blasfêmia imperdoável não apenas contra Jesus, mas também contra o Espírito de Deus que o capacita, 12:31-32. Além disso, suas palavras caluniosas revelam seus corações malignos e prenunciam sua condenação escatológica, assim como frutos inúteis provam que uma árvore é implacável, 12:33-37.

Agora, as vindas de Jesus e a prisão de Satanás. A maioria dos expositores reconhece que Mateus 12:28 e 29 ensinam a presença do reino de Deus e que seu poder salvador começou a invadir o domínio de Satanás durante a vida e o ministério de Jesus. Geralmente, essa invasão ou prisão está ligada de alguma forma à descrição da prisão de Satanás no abismo em Apocalipse 20:1-10.

Teólogos que defendem o amilenismo geralmente argumentam que Satanás foi preso pela primeira vinda de Cristo, de modo que não pode mais enganar as nações, em comparação com Apocalipse 20, versículo 3. Aqueles que defendem o pré-milenismo, especialmente o pré-milenismo dispensacionalista, adotam uma visão oposta, enfatizando que a prisão de Satanás em Apocalipse 20 é um evento ainda futuro que ocorrerá somente na segunda vinda de Cristo à Terra. Parece que é preciso encontrar alguma verdade em ambas as visões. Os dispensacionalistas devem abrir espaço para a derrota decisiva de Satanás na primeira vinda de Jesus, e os amilenistas não devem subestimar a extensão em que o poder limitado de Satanás ainda pode prejudicar a Igreja.

O poder de Satanás foi efetivamente destruído pela primeira vinda de Cristo, mas ele continua sendo um inimigo poderoso que deve ser resistido por todos os meios da graça (compare Efésios 6:11 e seguintes, Tiago 4:7, 1 Pedro 5, versículos 8 e 9). Somente no futuro Satanás será totalmente incapacitado, e isso evidentemente em duas etapas (Apocalipse 20, versículos 1 a 10). Os crentes podem se alegrar porque o poder do Evangelho de Jesus já venceu o inimigo (João 12:31, 16:11, Atos 26:18 e outras passagens como Colossenses 1:13). E podem se alegrar porque Deus finalmente destruirá completamente as obras malignas de Satanás, para que na nova terra somente a justiça possa habitar (Apocalipse 21 e 22). Agora, a questão da blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado imperdoável.

As solenes palavras de 12:31 e 32 devem ser levadas a sério por todos os leitores de Mateus, mas permanece a questão quanto à natureza precisa do pecado imperdoável. Pregadores bem-intencionados, porém excessivamente zelosos, às vezes utilizam esse versículo para ameaçar seus ouvintes, dizendo que descrer da mensagem do Evangelho é cometer o pecado imperdoável. No ministério, você pode ter encontrado tais indivíduos que têm a impressão de que não há esperança para eles, pois supostamente pecaram e perderam seu dia de graça.

Teólogos tendem a interpretar o pecado imperdoável como o pecado genérico da incredulidade, ligando esta passagem de Mateus a outros textos, como João 3:18, João 16:9 e 1 João 5:16. Mas, por mais grave que seja a descrença generalizada em Jesus, aqueles que tomam esta passagem como uma referência a ela provavelmente estão enganados. A situação específica em Mateus 12 envolve os milagres de Jesus, capacitados pelo Espírito, que deveriam ter sido vistos como evidência de sua condição messiânica, 12:23, e de sua autoridade para perdoar pecados na Terra, 9:6. Longe de simplesmente desacreditar nisso, os fariseus caluniam o ministério do Espírito com o Messias, acusando Jesus de colaborar com as mesmas forças que seu ministério do reino está dominando, de acordo com 12:29. Portanto, seria sensato que os expositores tivessem cautela na ampla aplicação deste texto à incredulidade em geral. Certamente, a descrença absoluta em Jesus é imperdoável, mas o objetivo deste texto é sublinhar não apenas a descrença diante de evidências claras de que Jesus é o Messias, mas também a perversão caluniosa da evidência messiânica em evidência demoníaca.

Hoje, as pessoas são obrigadas a crer no Evangelho quando o ouvem, sem dúvida, mas isso dificilmente justifica a noção de que aqueles que não aceitam Jesus imediatamente entraram em um estado inalterável de condenação imperdoável. Infelizmente, os fariseus respondem a essas palavras ásperas de Jesus pedindo-lhe um sinal que autentique suas palavras. Isso é irônico, visto que a resposta caluniosa deles ao seu sinal milagroso anterior é o que levou a essas palavras.

Eles não precisavam de boas evidências, mas de bons corações. Qual seria a utilidade de mais milagres? Agora, o sinal de Jonas em Mateus 12, versículos 38-45. Mateus 12, versículos 38-45, contém duas partes, ambas enfatizando a gravidade da incredulidade dos contemporâneos de Jesus.

A primeira parte contrasta a incredulidade dos fariseus com casos notáveis e surpreendentes de crença no Antigo Testamento, 12:38-42. A segunda parte revela essa incredulidade de forma parabólica, 12:43-45, evidentemente para apontar que Israel estaria pior depois de não crer em Jesus do que antes de sua vinda. Parece ser um aviso enigmático contra o arrependimento superficial e uma profecia velada da condenação escatológica dos contemporâneos de Jesus.

Compare Lucas 11:24-26. Esta passagem destaca os males da incredulidade endurecida, como poucas outras. Depois que os fariseus viram Jesus realizar muitos milagres, em vez de crer, atribuíram esses milagres a Satanás.

Quando lhes foi mostrada a insustentabilidade daquela posição, responderam não com fé, mas com um pedido evidentemente insincero por outro milagre. Sua descrença diante de evidências avassaladoras contrasta com a crença dos ninivitas e da Rainha do Sul diante de relativamente poucas evidências. Assim, eles fornecem uma ilustração sombria do que Jesus disse em 11:25, que Deus havia ocultado a mensagem do reino daqueles que eram sábios e inteligentes em sua própria opinião e a revelado àqueles que eram como crianças.

Nenhum outro sinal seria de grande valia para tais pessoas, nem mesmo a ressurreição de Jesus dentre os mortos. A parábola de 12:43-45 é enigmática. A mera ausência de espíritos malignos não realiza a redenção.

A casa havia sido limpa, mas um bom inquilino ainda não havia se estabelecido ali. Talvez isso se refira à reação dos contemporâneos de Jesus ao ministério de João e ao seu próprio ministério. Alguns se arrependeram, mas muitos não, resultando em um arrependimento nacional genuíno e perspectivas sombrias para o futuro.

Por fim, precisamos fazer alguns comentários sobre Mateus 12, 46-50, a respeito da verdadeira família de Jesus. Mateus 11 e 12 compõem um bloco de material narrativo que enfatiza a crescente oposição a Jesus e ao reino. Essa estrutura tríplice desse bloco narrativo já foi discutida anteriormente no comentário sobre Mateus 11:1-6 e nas páginas 24 e 25 destas notas.

A estrutura envolve três conjuntos de passagens, cada um contendo duas passagens sobre a descrença e uma passagem que enfatiza a crença. Em Mateus 12:50 , chegamos ao final do segundo desses três conjuntos, com 12, 32-37 e 12, 38-45 enfatizando a descrença e 12, 46-50 enfatizando a crença. Neste ponto, em 13:1, Mateus introduz o terceiro discurso de Jesus, que flui para o próximo bloco narrativo após a transição característica em 13:53.

Em 12:46-50, o clima muda da descrença para a crença, de uma perspectiva negativa para uma positiva. A própria família de Jesus se torna um alerta contra o discipulado superficial. Em outro lugar, Jesus afirma a família, então a questão aqui não é desrespeito por ela, mas fidelidade àqueles cujas vidas são regidas pelos valores do Reino.

Davies e Allison expressam bem quando afirmam que essas palavras não dissolvem os laços familiares , mas os relativizam. Os discípulos de Jesus podem ter que deixar suas famílias para trás, 19:29. Podem até ter que enfrentar a traição de membros de suas famílias, 10:21, 35-37.

Os cristãos de hoje devem seguir o exemplo de Jesus na área de lealdade familiar, 23:8. Não é incomum que cristãos tratem seus irmãos e irmãs em Cristo de maneira dura, inconsistente com os valores do Reino e o relacionamento na família de Deus. Há grande necessidade de uma renovada apreciação da verdade retratada em Mateus 12:46-50.

Por fim, um resumo de Mateus 11 e 12, avançando para o capítulo 13. Em Mateus 11 e 12, Mateus gradualmente conscientiza seus leitores sobre a crescente oposição e rejeição que Jesus vem enfrentando. Ele já havia feito uma breve alusão à questão, que neste capítulo irrompe em blasfêmia imperdoável.

Mas o capítulo 12 representa uma ruptura total entre Jesus e os líderes judeus. No geral, o capítulo deixa claro que a abordagem de Jesus ao Antigo Testamento é totalmente diferente da dos fariseus. Eles planejam assassinar aquele que é maior que Davi, o templo, o sábado, Jonas e Salomão.

À medida que a oposição da geração má e adúltera aumenta, Jesus começa a falar mais em parábolas pelas quais ele se comunica com seus discípulos enquanto obscurece a verdade de seus inimigos, que...